

NEGRAS MEMÓRIAS¹

Sergio F. Ferretti

O Negro nos Museus Maranhenses:

No Brasil o Museu Histórico Nacional organizado por Gustavo Barroso na década de 1920 serviu de modelo para outros Museus Históricos e Artísticos organizados posteriormente no país e se inspirou no modelo europeu de museus destinados a divulgar costumes e modos de vida da nobreza. A partir da década de 1930 foi criado no MHN um Curso de Museus, para formar museólogos, que a partir deste Museu, criaram diversos outros nos países. Procuravam-se prédios de valor histórico ou artístico bem como objetos de uso das classes dirigentes. Assim os museus históricos e artísticos refletiam costumes das classes alta e média do passado.

Os negros quando apareciam rapidamente nos museus, eram apresentados em documentos como cartas de alforria, alguns poucos objetos, relacionados com castigos de escravos ou instrumentos de trabalho. Em inícios do século XX surge na França o modelo de museus etnográficos, voltados para a representação de costumes de sociedades consideradas primitivas dos diversos continentes. Alguns museus coloniais na Europa também começaram a expor máscaras africanas, instrumentos musicais, artesanato, etc. No Brasil, neste contexto também surgiram museus etnográficos e relacionados com as culturas populares em que o negro aparece como participante de manifestações folclóricas.

O Museu Histórico e Artístico do Maranhão, restaurado e inaugurado durante o regime militar em 1972, com amplo aparato político militar e a presença do Presidente Médice, foi organizado pelo acadêmico Josué Montello, ex-diretor e substituto de Gustavo Barroso no Museu Histórico Nacional que convidou a museóloga Jenny Dreyfus, que organizara no Rio o Museu da República. Na época da inauguração a equipe de assessoria da Presidência da República sugeriu que fossem convidados descendentes da antiga nobreza maranhense para a cerimônia de abertura do Museu Histórico.

Algum tempo depois, antes de encerrar seu mandato, o então governador Pedro Neiva de Sant'Ana restaurou e inaugurou também a Cafua das Mercês, com pequena exposição de objetos do culto afro, fotos, reprodução de instrumentos de castigo de escravos. Cerca de dez anos após a inauguração do M.H.A.M. foi inaugurado o Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho, inspirado na concepção dos museus etnográficos do mesmo modelo de museus da França. Assim o MHAM é dedicado a mostrar o estilo de vida das elites e o CCP mostra a cultura popular das classes dominadas.

Parece difícil escapar-se a este esquema de museus sobre a elite e sobre o povo. Mas atualmente quando se fala em multiculturalismo e se valorizam os grupos étnicos é importante refletir e tentar ampliar o lugar do negro nos nossos museus.

A iconografia do negro no Maranhão, embora não seja tão ampla como a de outras regiões, como o Rio de Janeiro, a Bahia ou Minas Gerais, possui alguns trabalhos que ajudam a ilustrar e conhecer a situação do negro no passado.

Podemos destacar neste setor as figurinhas de negros do desenhista Joaquim Cândido Guinlhobel, que passou pelo Maranhão em 1819, na equipe do engenheiro Pereira do Lago.

¹ Comunicação apresentada em mesa redonda no aniversário do MHAM em 26/07/2007, juntamente com Magno Cruz e Josenildo Pereira.

Guilhobel ilustrou livros de viajantes estrangeiros que passaram pelo Brasil e dele são conhecidas quatro gravuras de negros do Maranhão: (1) negros conduzindo senhora de escravos em rede; (2) ganhadores carregando objetos de trabalho; (3) negros na sezala fumando cachimbos com enormes pipas e (4) negras com camisas de labirinto, rendas, cordões e pentes ou atacadores de tartaruga e ouro. Em 1992 Jomar Morais da Academia Maranhense de Letras publicou quatro postais reproduzindo as aquarelas de Guilhobel em edição do livro *O Cativo de Dunche de Abranches* e uma edição de cartões postais. Os originais destas gravuras fazem parte da coleção do bibliófilo José Mindlin.

O desenhista maranhense João Afonso do Nascimento, falecido em 1924 foi ilustrador do periódico *A Flecha* editado em São Luís em 1879-80 e autor de *Três Séculos de Moda*, publicado em Belém em 1916 e reeditado pelo Conselho Estadual de Cultura do Pará em 1976. Dele são conhecidos (5) o desenho da negra recolhendo esmola em louvor do Divino, publicado, de 1880 e o (6) desenho e descrição da vestimenta da Preta Mina e da Crioula do Maranhão, de 1916.

Em relação a estas ilustrações a coleção do MHAM possui três exemplares dos grandes pentes de tartaruga, prata e ouro que eram usadas pelas pretas minas do Maranhão no séc. XIX que são ilustrados por Guilhobel e por João Afonso. Seria interessante que boas reproduções destes desenhos fossem colocadas próximos a estes objetos. O Museu possui também um palanquim ou cadeira em que negros transportavam senhoras de escravos e uma longa aste em que os escravos carregavam os senhores em viagens. Este material pode servir para ilustrar o trabalho dos escravos.

Em relação aos instrumentos de castigo, quando da inauguração do museu da Cafua das Mercês, foi feita uma réplica de tronco para prender e castigar escravos, mas outros objetos do gênero podem ser encontrados em pesquisas e escavações. A localização e a recuperação do espaço das senzalas nos casarões coloniais do Maranhão é outra pesquisa que pode ser realizada

Ainda no campo da reprodução de imagens, a fotografia é uma arte que permite ilustrar muita coisa. Conhecemos em Cuba o Museu Moncada, organizado quase que exclusivamente com grandes fotografias. Pessoas e instituições possuem fotografias antigas sobre negros e seus costumes que podem ser aproveitadas para exposições e pesquisas. Sabemos que atualmente, com os avanços da computação, a fotografia pode ser tratada com relativa facilidade. A este respeito, a Casa das Minas possui algumas poucas fotos antigas interessantes como a (7) de um grupo de voduns e tobossis da Casa em 1914. Outros terreiros antigos como a Casa de Nagô e pais ou mães-de-santo certamente possuem algumas fotos antigas. Pai Euclides da Casa Fanti-Ashanti chegou a publicar um álbum com fotos antigas e atuais do Tambor de Mina do Maranhão.

A Missão de Pesquisas Folclóricas organizada pelo Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, em 1938, sob a liderança de Mário de Andrade organizou uma viagem de pesquisas ao Nordeste, que esteve entre outros locais no Maranhão. Realizou filmagens, gravações e o levantamento de mais de 60 fotos principalmente sobre Tambor de Mina no Terreiro de dona Maximiana (8) e sobre Tambor de Crioula (9). O etnógrafo e fotógrafo francês Pierre Verger de passagem por São Luís produziu cerca de 250 fotos sobre o Maranhão em 1947, algumas sobre a Casa das Minas, sobre a Casa de Nagô (10) e outras sobre diversos costumes. Este material pertence à Fundação Pierre Verger de Salvador.

Uma tentativa para superar o desconhecimento da situação do negro no passado pode ser o resgate da história de vida de negros e membros das classes populares. Atualmente diversas pesquisas estão sendo realizadas nas terras denominadas de remanescentes de quilombos, que são numerosas no Maranhão, e estas pesquisas devem dar destaque à coleta e divulgação de informações sobre afro-descendentes. Da mesma forma pesquisas que são realizadas para a elaboração de monografias de cursos de graduação, dissertações e teses de mestrado e doutorado

também fornecem importante material para o conhecimento de modos de vida do negro e das classes marginalizadas.

Nos últimos trinta anos a história oral e a memória de membros das classes subalternas, começaram a serem resgatadas no Brasil. Como diz Meihy (1996: 15), “a história oral é uma alternativa à história oficial”. A história de vida tem sido uma das formas mais utilizadas de história oral.

As pesquisas antropológicas levaram o pesquisador a um maior contacto com os informantes, através do método da observação participante e do trabalho de campo intensivo do qual Franz Boas e Bronislaw Malinowski foram pioneiros em inícios do séc. XX. Mas como mostra J. Clifford, a crise atual da autoridade etnográfica tem a ver com a apresentação do etnógrafo como provedor de uma verdade não questionada.

“o etnógrafo transforma as ambigüidades e diversidades de significados da situação da pesquisa num retrato integrado. É importante assinalar o que foi deixado de lado. O processo de pesquisa é separado dos textos que ele gera e do mundo fictício que lhes cabe evocar. A realidade é filtrada. Os informantes e as notas de campo são intermediários cruciais que são excluídos de etnografias legítimas”. (Clifford, 1998 p. 42)

Segundo Clifford, a escrita etnográfica atual está procurando novos meios de representar adequadamente a autoridade dos informantes. Na mesma linha de raciocínio, Clifford Geertz, (1989), mostra que é necessário compreender melhor o caráter literário da antropologia. A antropologia pós-moderna apresenta estas e outras críticas ao trabalho da antropologia clássica, mas lembra que de qualquer forma ela deu considerável importância à coleta de depoimentos dos informantes.

Em relação a pesquisas antropológicas que investigam temas relacionados com o negro e as religiões afro-maranhenses, destacam-se os trabalhos realizados na década de 1940 por Nunes Pereira e por Octávio da Costa Eduardo, publicados em 1947 e 48. O livro de Nunes Pereira sobre a Casa das Minas teve segunda edição pela Vozes em 1979 e tese de Costa Eduardo, publicada em Nova York infelizmente não foi traduzida em português. A partir dos anos de 1980, até hoje diversas pesquisas tem sido realizadas e publicadas sobre estes temas.

Maurice Halbwachs, que foi morto pelos nazistas em 1945 na França, em sua obra póstuma, “A memória coletiva”, apresenta distinção entre a “memória histórica”, que supõe a reconstrução dos dados fornecidos pelo presente e projetado no passado reinventado, e a “memória coletiva” que recompõe o passado. Demonstra que é impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não levarmos em consideração os quadros sociais reais que servem de referência à reconstrução da memória.

Vejamos alguns exemplos de pesquisas clássicas sobre negros na perspectiva de estudos sobre histórias de vida e memória oral.

O livro Biografia de um Cimarron (quilombola ou escravo fugitivo) publicado em Cuba em 1966 por Miguel Barnet baseia-se em longas entrevistas com Esteban Montejo que tinha 104 anos em 1966 e foi escravo e fugitivo em Cuba. O livro narra episódios curiosos da vida deste ex-escravo entrevistado numa instituição de pessoas idosas.

O historiador norte-americano Richard Price (1983) publicou importante estudo sobre quilombolas do Suriname, em que confronta afirmações dos informantes com dados coletados em arquivos sobre história da escravidão no Suriname. Os onze principais informantes aparecem

retratados em seu trabalho juntamente com outras fotos e documentos relativos à escravidão e à cultura negra naquele país.

O historiador pernambucano Antônio Torres Montenegro, especialista em História Oral, tem publicado muitos trabalhos sobre o tema (Montenegro, 1994) e tem dado assessoria a trabalhos de alguns volumes da coleção Memória de Velhos da FUNC no Maranhão.

O historiador alemão Mathias Assunção em vários trabalhos e em seu estudo sobre a guerra da Balaiada (Assunção, 1988), entrevistou inúmeras pessoas com mais de 60 anos no interior do Maranhão coletando informações de suas memórias sobre guerras e conflitos no passado.

O romancista alemão Hubert Fichte publicou diversos trabalhos em alemão com informações importantes sobre religiões afro-americanas. Seu importante estudo Etnopoesia (1987), publicado no Brasil, apresenta um capítulo com cerca de 40 páginas sobre a história de vida de dona Deni, atual chefe da Casa das Minas do Maranhão.

O livro pioneiro no Brasil, Memória e Sociedade da psicóloga social Ecléia Bosi (1979) foi precursor na forma de resgatar a memória oral de pessoas idosas, quando ainda não era politicamente incorreto chamar de velhos pessoas com mais de setenta anos. Ecléia Bosi procurou reconstituir aspectos da história da cidade de São Paulo a partir de relatos de seus informantes.

Inspirado em Ecléia Bosi, Valdelino Cécio e outros técnicos da FUNC resolveram a partir de fins dos anos de 1970 organizar uma pesquisa similar coletando depoimentos sobre a cultura popular maranhense. A partir de 1997 até 2006 foram publicados 6 volumes entrevistando 28 pessoas envolvidas com a religião, a cultura popular e uma parte da história do Maranhão.

Nos volumes publicados das Memórias de Velhos encontramos interessantes depoimentos de negros, entre outros de Dona Maria Celeste Santos da Casa das Minas; de dona Lúcia Oliveira, da Casa de Nagô; de Luís de França, da Escola de Samba Turma do Quinto; de Augusto Aranha Medeiros, da Irmandade de Bom Jesus dos Navegantes; do ator Cecílio Sá; do operário, compositor e amo de boi Marciano Vieira Passos; do músico alcantarense Raimundo João Gomes; do mestre sala da festa do Divino em Alcântara, Ricardo Leitão; do santeiro Diógenes Ribeiro, e dos participantes do bumba-meu-boi Antero Viana, Newton Correa, Canuto Santos, Alauriano Almeida, Zé Olhinho, João José Machado, João do Espírito Santo, José Raimundo Ferreira, José Costa de Jesus e outros.

Entre informações interessantes que ilustram estes trabalhos podemos lembrar a venda de doces nas ruas de S.Luís, lembrada, por dona Lúcia, mãe-de-santo da Casa de Nagô que tem mais de cem anos e por muito tempo foi vendedora ambulante de doces e comidas em S.Luís. Outra lembrança é a de dona Maria Celeste da Casa das Minas, que tem atualmente 82 anos e tinha uma parente que trabalhava no prédio do Museu à Rua do Sol na década de 1930. Ela lembra como era a cozinha e a despensa de uma casa de família rica, com grande geladeira de gelo em que se guardavam queijos e frutas finas importadas. Lembra também do trabalho nas fábricas de tecidos em São Luís. Seu Augusto lembra das procissões realizadas em meados do século XX em S.Luís.

Há muitas outras informações interessantes nestes e em outros relatos da coleção. Mas a nosso ver muita coisa precisa ainda ser pesquisada e publicada na perspectiva do resgate da memória dos negros no Maranhão. Acreditamos que as pesquisas sobre remanescentes de quilombos e outras pesquisas sobre o negro e as classes populares devem ser incentivadas pela Secretaria de Cultura do Estado e do Município, como pela FAPEMA. Podem ser organizados prêmios sobre monografias relacionadas com estes temas que estimulem novas pesquisas. O Museu Histórico pode organizar exposições específicas, seminários de estudos, promover pesquisas, publicar trabalhos sobre o assunto. Parece-nos que esta pode ser uma forma de se resgatar a memória dos negros no Maranhão tão ou mais importante do que representá-lo em exposições.

REFERÊNCIAS:

- ABRANCHES, Dunche. O Cativo (memórias). São Luís: Alumar, 1992 (Orig. 1941).
- A FLECHA. Jornal Ilustrado por João Affonso do Nascimento. São Luís: SIOGE, 1980 (Orig, 1879-80).
- ASSUNÇÃO, Mathias Röhrig. A Guerra dos Bem-te-vis. A Balaiada na Memória Oral. São Luís: Sioge, 1988.
- BARNET, Miguel - Biografia de um Cimarron. La Hababa, Cuba, 1980, Ed. Letras Cubanas. (Original 1966).
- BOSSI, Ecléia. Memória e Sociedade - Lembranças de Velhos. São Paulo: T. A Queiroz, 1979.
- CLIFFORD, James. A Experiência Etnográfica Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1998.
- COSTA EDUARDO, Octávio da. The Negro in Northern Brazil. A study in acculturation. New York: JJ Augustin Publisher, 1948.
- FICHTE, Hubert. Etnopoesia. Antropologia poética das religiões afro-americanas. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GEERTZ, Clifford. El antropólogo como autor. Buenos Aires: Piados, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro Ed. 2006.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de História Oral. São Paulo: Loyola, 1996.
- MEMÓRIA DE VELHOS. Depoimentos. Uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. São Luís: FUNC/Lithograf/ C M F. 6 Vols. 1997 - 2006.
- MONTENEGRO, Antônio T. História Oral e Memória. A cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1994.
- NACIMENTO, João Affonso. Três séculos de Modas. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1976 (Orig. 1916).
- PEREIRA, Nunes. A Casa das Minas. O culto dos voduns jeje no Maranhão. Petrópolis: Vozes, 1979 (Orig. 1947)
- PRICE, Richard. Firs-Time. The Historical Vision of na Afro-American People. London: The Johns Hopkins University Press, 1983.